

# Propostas para desmatar Balbina, até fevereiro

Da Sucursal de Brasília

O presidente da Eletronorte, Miguel Rodrigues Nunes (48 anos) disse ontem que vai prorrogar por 30 dias o prazo para que as empresas nacionais do setor madeireiro apresentem suas propostas com vistas à exploração da madeira comercial existente na área a ser inundada pelo reservatório da usina hidrelétrica de Balbina.

De acordo com o edital publicado pela Eletronorte na terça-feira da semana passada, as empresas teriam prazo até o dia 11 de janeiro para apresentarem suas propostas e, com a prorrogação, o prazo se estenderá até 11 de fevereiro.

Segundo Miguel Rodrigues Nunes, a prorrogação será determinada "por medida de segurança", uma vez que o prazo dado anteriormente, em sua opinião, é suficiente, pois os madeireiros nacionais conhecem a região de Balbina.

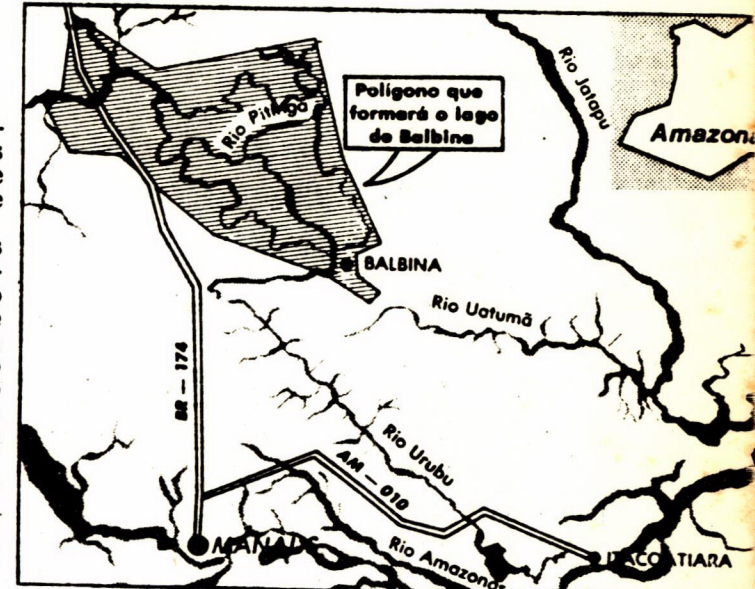
O presidente da Eletronorte disse que também está preocupado com o prazo que a empresa tem para fazer o desmatamento da área do reservatório de Balbina, que é de três anos, no máximo. "Nós estamos dando a madeira para quem quiser tirar", disse Miguel Rodrigues Nunes, acrescentando que se não aparecerem interessados, ou se as propostas não forem convenientes, a própria Eletronorte contratará operários para serrar a madeira e estocá-la fora da área do reservatório da usina, para futura utilização nas duas termelétricas de 25 megawatts cada uma, instaladas próximas à hidrelétrica.

Ao ser questionado sobre os prazos e custos para instalação da infra-

estrutura necessária ao desmatamento, o presidente da Eletronorte revelou que o desmatamento terá de ser feito de qualquer maneira até abril de 1987. Quanto aos custos, ele argumentou: "A Eletronorte está sempre levando o prejuízo; por que é que agora ela teria que gastar com a infra-estrutura para o desmatamento para que os madeireiros tenham um alto lucro, pois terão gastos somente com a retirada da madeira? Nós temos é que encontrar um ponto de equilíbrio para que a Eletronorte não tenha um prejuízo muito elevado e nem os madeireiros tenham um lucro muito alto". Foi por esse motivo — segundo Miguel Nunes — que a Eletronorte publicou um Edital de Chamamento às empresas interessa-

das. "Nós vamos examinar as propostas e decidir o que é mais conveniente em termos de prazo e de custos para a Eletronorte", disse Miguel Nunes.

Quanto à desapropriação de terras da área a ser inundada pelo reservatório de Balbina, ele disse que não será muito grande. Informou que essa desapropriação não foi feita ainda porque haveria um alto custo de manutenção das mesmas. Quanto ao elevado custo da usina hidrelétrica (da ordem de US\$ 2.400 por quilowatt instalado), disse que a decisão de construção da usina de Balbina foi baseada no custo social, pois "é necessário substituir o consumo de derivados de petróleo de Manaus por energia hidráulica".



A área do lago de Balbina terá que estar desmatada até abril de

# Desmatamento continua problema em Balbina

**PATERSON PEREIRA**  
Repórter da Sucursal de Brasília

O problema da incompetência da Capemi para fazer o desmatamento da reserva florestal que acabou sendo inundada pela usina hidrelétrica de Tucuruí continua apresentando seus reflexos, no tempo e no espaço: a dois mil quilômetros de distância, a pequena usina hidrelétrica de Balbina corre o risco de passar pelo mesmo desastre.

A usina de Balbina deverá entrar em operação em abril de 1988 e, para que isso seja possível, é necessário que a área do reservatório esteja desmatada até abril de 1987, pois, por ser uma região muito plana, a lenta água do rio Uatumã levará um ano para encher o lago daquela hidrelétrica. Para se ter uma idéia do problema, basta comparar com Tucuruí: nesta, o reservatório deverá estar completamente cheio em cerca de três meses, embora ocupe uma área ligeiramente superior à de Balbina, ou seja, 216 mil hectares.

Além disso, a potência instalada em Tucuruí será de 3.960 megawatts, levando-se em conta a capacidade instalada em Balbina a capacidade instalada será de 250 megawatts (menor, portanto, do que uma das turbinas de Tucuruí).

Esta é a questão crucial da Eletronorte: como a região é plana e o rio é lento, as águas do reservatório de Balbina levarão um ano para ser renovadas (em Tucuruí, elas se renovam a cada 45 dias). Se a floresta de Balbina for afogada — como em Tucuruí — haverá tempo para formação de gases (gás sulfídrico) prejudiciais às suas turbinas. Desse modo, a Eletronorte não pode abrir mão desse desmatamento.

Aí é que entra a questão do tempo. A empresa tem apenas dois anos e quatro meses para deixar a área pronta, de modo que a barragem daquela usina possa ser fechada em abril de 1987 e iniciar suas operações em 1988. A Eletronorte não se considera uma empresa de desmatamento florestal e sim de produção de energia elétrica. Foi por esse motivo que entregou a questão de Tucuruí ao IBDF, que fez uma concorrência para fazer o desmatamento, vencida pela única empresa que se apresentou: a Capemi. Como a Capemi também não tinha experiência no setor de desmatamento — e o desmatamento na Amazônia apresenta características próprias — o resultado foi que o reservatório de Tucuruí inundou um inestimável potencial madeireiro e a empreiteira acabou falindo.

estudando a possibilidade de publicar um edital de licitação para selecionar as empresas nacionais interessadas em fazer o desmatamento de pouco mais da metade da área a ser inundada em Balbina, justamente onde há um maior volume de madeira comercializável. Seriam desmatados 84 mil hectares, divididos em sete blocos de 10 mil hectares cada um e um de 14 mil hectares, de modo a não ter apenas uma empresa realizando o trabalho.

O edital de licitação já estava pronto, quando o então presidente da empresa, Douglas Sousa Luz, foi substituído por Miguel Rodrigues Nunes, que imediatamente mandou suspender os estudos para poder se inteirar do problema.

Uma das alternativas para a madeira do reservatório da usina hidrelétrica de Balbina é o seu uso na termelétrica de 25 megawatts, que funciona com cavaco de madeira. Mas, segundo o diretor técnico da Eletronorte, Kerman José Machado, "há um elenco de alternativas para o uso da madeira", que, além de servir para alimentar a termelétrica, pode ser conservada (com cresoto, asfalto de emulsão ou com silicone, que não são produtos tóxicos) para uso futuro ou mesmo para exportação. Em sua opinião, a solução mais adequada (as outras alternativas para conservação são muito caras) talvez seja do próprio reservatório, até que tenham uma destinação.

Alternativas para o uso da madeira existem, mas qual será a solução para o desmatamento? Segundo o diretor técnico da Eletronorte, os consultores florestais identificaram 33 milhões de metros cúbicos de madeira comercializável, no valor de aproximadamente US\$ 60 milhões, enquanto que o custo do desmatamento deverá ficar em torno de US\$ 38 milhões. Segundo Kerman Machado, o presidente da Eletronorte já apresentou ao ministro das Minas e Energia, César Cals, uma sugestão no sentido de que seja publicado um edital de chamamento às empresas de desmatamento interessadas no trabalho a ser realizado em Balbina. O edital ainda não foi publicado, pois o ministro César Cals está estudando a sugestão, mas ele disse que deseja que os madeireiros locais façam o desmatamento.

O diretor técnico da Eletronorte não admite a possibilidade de não haver interessados em fazer o desmatamento de Balbina. "A madeira, hoje, é um produto caro e, por esse motivo, estou otimista que apareçam madeireiros em quantidade suficiente para fazer o desmatamento de Balbina dentro do tempo de que dispomos", disse Kerman Machado, segundo o qual "dois anos e meio é tempo suficiente para realizar o

que a Eletronorte  
Repórter da Sucursal de Brasília  
**JUANES PIREZ**

que a Eletronorte  
Repórter da Sucursal de Brasília  
que a Eletronorte